

Imagem: Imagem gerada por IA / Gemini

"ENTÃO OS DOIS CONTARAM  
O QUE TINHA ACONTECIDO  
NO CAMINHO E COMO  
TINHAM RECONHECIDO  
JESUS AO PARTIR O PÃO."  
(LC 24,35)

# QUANDO O COTIDIANO SE TORNA LUGAR DE RESSURREIÇÃO

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

A Páscoa nasce de um sinal discreto, quase silencioso, mas profundamente eloquente. O túmulo não está simplesmente vazio, há ali um lençol ao chão. Um vestígio. Um rastro de presença. Um significante que diz, sem palavras, que Ele esteve ali, mas já não está mais. Não se trata de ausência, mas de uma presença que não pode mais ser contida nos limites da matéria, do tempo, do espaço. A ressurreição não deixa um vazio, deixa um traço, um recomeço.

Na liturgia da Sexta-feira Santa somos conduzidos por uma narrativa intensa, quase cinematográfica. A terra treme. O dia escurece. O véu do templo se rasga. A criação inteira parece reagir ao drama da cruz. Há quase que um excesso de sinais, uma densidade de acontecimentos que expressa a gravidade daquele momento. A morte de Jesus não passa despercebida. Ela sacode o mundo. Ela rompe estruturas. Ela desvela aquilo que estava oculto. É como se o cosmos inteiro participasse daquele

instante-limite em que o amor é levado até o extremo. Entretanto, quando chegamos à ressurreição, algo muda radicalmente.

Os relatos que seguem à ressurreição se tornam sóbrios, contidos. Não há terremotos. Não há céu escurecendo. Não há véus se rasgando. Há um jardim. Há uma manhã. Há passos lentos e desanimados que ganham pressa e vigor ao passar da dor ao medo e do medo à esperança. Há uma mulher que procura um corpo. Há discípulos que correm. Há um pão que é partido. Há encontros na praia, na Galileia. A ressurreição não se impõe com estrondo. Ela se oferece no cotidiano.

Talvez porque a vida nova não se reconheça no extraordinário, mas na transformação do ordinário. Talvez porque Deus, ao ressuscitar Jesus, não quis apenas vencer a morte, mas habitar de outro modo a existência humana. Não mais a partir de sinais que se impõem de fora, mas de uma presença que nasce desde dentro, que se deixa perceber na experiência, no encontro, na partilha.

É nesse horizonte que o caminho de Emaús se torna chave de leitura para a Páscoa. Dois discípulos caminham, carregando a dor e a frustração. O Ressuscitado se aproxima sem ser reconhecido. Caminha com eles. Escuta. Fala. Explica. Permanece. Não há nada de extraordinário naquele caminho

e é justamente ali que tudo acontece. O coração começa a arder. A esperança, quase apagada, reacende. No gesto simples de partir o pão, os olhos se abrem.

A ressurreição acontece, então, também como experiência daqueles que necessitavam ter a sua esperança devolvida e ressignificada pelo Mestre. Não como imposição de uma evidência externa, mas como transformação interior que reconfigura o modo de perceber a realidade. Os discípulos não voltam a ser os mesmos, não porque tenham visto um milagre espetacular, mas porque foram atravessados por uma presença que devolveu sentido à vida. O Ressuscitado não elimina a história deles, não apaga suas feridas, mas as habita com uma força nova.

O mesmo acontece com toda a comunidade dos seguidores de Jesus. Aquele que foi crucificado então se faz presente de outro modo. Não mais restrito a um corpo localizado, mas presente na Palavra que ilumina, no pão que se reparte, na comunidade que se reúne, na vida que insiste em florescer. A ressurreição não retira os discípulos do mundo, ela os devolve ao mundo com outro olhar.

Por conta de tudo isso, a Páscoa não é uma fuga da realidade. É um mergulho mais profundo nela. Um reconhecimento de que o cotidiano, tantas vezes marcado pela repetição e pelo cansaço, pode se tornar lugar de encontro com o Ressuscitado. O

jardim, a estrada, a mesa, é nesses espaços simples que Deus escolhe se revelar.

O lençol ao chão permanece como sinal. Ele nos recorda que algo aconteceu, que a morte não teve a última palavra, mas também nos impede de reduzir a ressurreição a uma prova material. O Ressuscitado não está ali para ser retido, analisado, controlado; Ele está vivo de um modo novo, que só pode ser reconhecido por quem se deixa tocar, por quem caminha, por quem escuta, por quem partilha.

A Páscoa, então, revela-se como uma passagem contínua, uma passagem do olhar que busca sinais grandiosos para o olhar que aprende a reconhecer Deus no cotidiano, uma passagem do desejo de controlar o mistério para a disposição de habitá-lo, uma passagem da lógica da evidência para a lógica do encontro.

Talvez seja esse o maior anúncio pascal: o Ressuscitado continua a caminhar conosco. Não com estrondo, mas com presença; não com imposição, mas com proximidade. É no tecido simples da vida, nas estradas que percorremos, nas mesas que partilhamos, nos encontros que nos atravessam que Ele se deixa reconhecer.

O túmulo ficou para trás. O lençol permanece como memória, mas a vida segue, agora habitada por uma presença que transforma tudo, desde dentro. ●